

# Atuação de FHC definirá disputa entre Sarney e Simon pelo Senado

28 NOV 1994

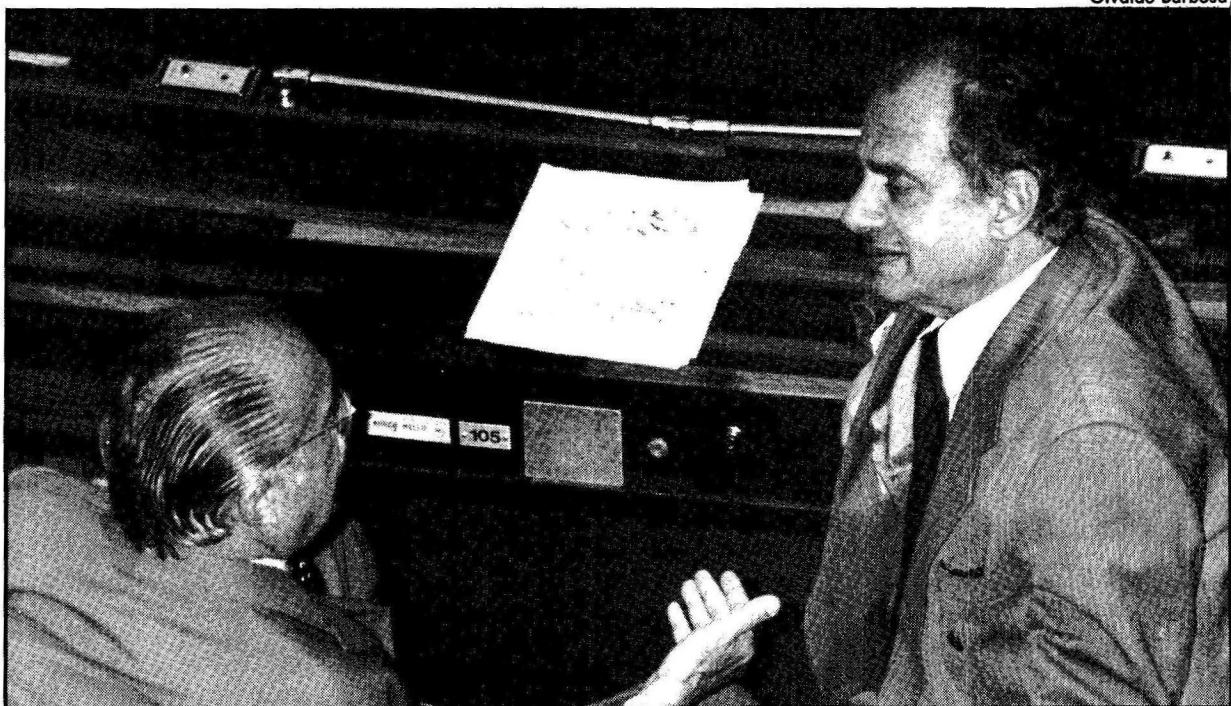
JORNAL DE BRASÍLIA

O comportamento do presidente eleito Fernando Henrique Cardoso definirá a disputa entre os senadores José Sarney (AP) e Pedro Simon (RS) pela presidência do Congresso Nacional. Se Cardoso for imparcial, a maioria dos parlamentares aposta que Sarney já pode se considerar o sucessor do senador Humberto Lucena. Mas se o presidente eleito entrar na disputa, aumentam as chances de Simon derrotar o ex-presidente da República.

A intervenção não poderá ser ostensiva para não provocar efeito inverso ao desejado, isto é, uma reação da Casa contra a intromissão de um poder em outro. Todos reconhecem que, apoiando Simon, Fernando Henrique poderia inverter o quadro hoje notoriamente favorável a Sarney. Porém, o apoio também implica em assumir os riscos de um resultado adverso — voto secreto, como dizia o senador mineiro Benedito Valladares, “faz o eleitor ficar com uma vontade danada de trair”. E a crônica do Senado registra casos de candidatos apoiados pelo presidente da República serem derrotados.

Em 1962, o senador paulista Auro de Moura Andrade derrotou o senador pernambucano Barros de Carvalho, líder do PTB, que tinha o apoio do então presidente João Goulart. Em 74, o senador mineiro Magalhães Pinto impôs-se presidente do Senado dentro da Arena contra a vontade do novo presidente, general Ernesto Geisel, e de seu principal assessor, o general Golbery do Couto e Silva. Em 1984, numa votação na bancada do PMDB, presente o senador e o novo presidente Tancredo Neves, o senador José Fragelli (MTS) derrotou o candidato de Tancredo, o senador Humberto Lucena, em articulação conduzida pelo senador Alfredo Campos com os senadores menos importantes do Partido.

Há casos mais espalhafatosos. O deputado José Bonifácio, o Zezinho, derrotou o candidato a presidente do Marechal Costa e Silva, em 67, o então deputado João Baptista Ramos, depois de passar oito anos distribuindo favores aos deputados na primeira secretaria da Câmara. O senador Auro de Moura Andrade passou oito anos presidindo o Senado. Em 1967, o Marechal-Presidente Castello Branco quis substituí-lo — como havia feito na Câmara, colocando Bilac



Givaldo Barbosa

Se Cardoso se mantiver imparcial, Sarney acredita que será o novo presidente do Congresso Nacional

Pinto no lugar de Ranieri Mazzili — mas foi desaconselhado pelo senador Daniel Krieger, então poderoso presidente da Aliança Renovadora Nacional, a velha Arena. Auro era peça importante na engrenagem de poder que Krieger montou no Senado e no Congresso

**Densidade** — Todos reconhecem que o senador Pedro Simon é o nome mais denso politicamente que se poderia recrutar na bancada do PMDB para enfrentar o senador José Sarney. No entanto, a impressão consensual no Senado — da qual

partilha a pragmática cúpula do PFL — é a de que Simon não costuma encarnar a condição de candidato em uma competição, isto é, pedir votos, e isso aumenta o favoritismo de Sarney. Os senadores Humberto Lucena e Mauro Benevides sustentam que ninguém chega à presidência do Senado sem pedir humildemente votos a seus companheiros. Mauro vai mais além, sustentando que, contra a vontade do presidente da República, também é muito difícil conquistar aquela posição estratégica.

Mauro Benevides só conseguiu

chegar à presidência, para comandar o Senado de 90 a 92, quando chegou a um entendimento com o então presidente Fernando Collor, em reunião promovida na residência de seu ministro da Justiça, o também senador Jarbas Passarinho. Mauro relembra que Collor fumava um soberbo charuto Havana e só esse acordo removeu os embarracos que estavam colocados à frente do senador cearense. Lição importante a extrair de todos esses acontecimentos é que o apoio do presidente da República é importante, mas não é decisivo.